

A Aquisição da Linguagem nos Surdos: O Caso Emmanuelle Laborit

Elisabete Carla de Almeida Albernaz¹

Leonídio Gonçalves Ascensão¹

Paula Cristina Barreto Frango¹

Resumo

A aquisição da linguagem nos indivíduos com déficit auditivo é possível através de um suporte visuo-manual e da aprendizagem de uma língua gestual. Este processo é análogo ao da aquisição da linguagem oral das crianças ouvintes e acontece no mesmo período de tempo e na mesma fase do desenvolvimento biológico e psicológico. As crianças surdas dispõem da possibilidade de efectuar um desenvolvimento integral, desde que adquiram uma língua gestual e beneficiem de educação escolar assente nessa língua, que se constitui como a sua língua natural.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem; Surdez; Língua Gestual; Educação.

Abstract

Language acquisition on the hearing impaired is possible through a visual-manual support and through the acquisition of a sign language. This process is similar to the spoken language acquisition on hearing children and occurs within the same period of time and at the same stage of the psychological and biological development. Deaf children have the possibility to experience an integrated development, regarding they learn a sign language and have a school education based on that language, which becomes their natural language.

Keywords: Language acquisition; Deafness; Sign Language; Education.

¹ Aluno(a) do 3º Ano do Curso de Licenciatura em Psicologia da UAL

Introdução

A aquisição da linguagem é um processo para o qual o ser humano está orgânica e psicologicamente preparado, desde que exposto a um estímulo linguístico. Adquirir uma língua é um processo faseado, que começa com as primeiras formas de interação da criança, estrutura-se entre o primeiro e o sétimo ano de vida, estando completamente adquirido na adolescência. Nas crianças com défices auditivos, a aquisição da linguagem oral fica comprometida ou mesmo inviabilizada. Contudo, estas crianças apresentam a mesma competência para adquirirem a linguagem e aprenderem uma língua gestual, desde que expostas a esse estímulo linguístico no período análogo ao das crianças ouvintes.

As línguas gestuais são a expressão linguística natural das comunidades surdas dos países que as utilizam e apresentam as mesmas propriedades universais que as outras línguas.

No presente trabalho abordamos o processo de aquisição da linguagem nas crianças surdas, apresentamos o enquadramento escolar existente em Portugal para o ensino dos surdos e ilustramos esta problemática com o caso de Emmanuelle Laborit, actriz francesa, surda profunda, que testemunha no livro *O Grito da Gaivota* a sua vivência de criança surda privada do domínio da linguagem, a sua aquisição tardia da língua gestual francesa e o seu percurso, efectuado desde então, até à idade adulta.

Aquisição da Linguagem nas Crianças Surdas

A aptidão para a linguagem faz parte da nossa herança genética. Onde quer que existam seres humanos existem línguas naturais. A exposição das crianças a um sistema linguístico permite a apreensão espontânea e rápida da língua natural da comunidade em que cresce, passando essa a ser a sua língua materna.

As crianças com uma surdez de grau ligeiro e até de grau moderado, com o recurso a prótese auditiva e intervenção terapêutica, no âmbito da terapia da fala e da facilitação dos contextos de interação comunicativa, poderão adquirir uma língua oral. São crianças que conseguem discriminar sons da

fala, embora necessitem de uma intervenção que lhes dê instrumentos para compensar o seu défice de audição e apreender a língua oral nos domínios em que esta não se processe de forma espontânea e natural.

As crianças surdas com um défice de audição de grau severo ou profundo estão impedidas da aquisição de língua oral, pela incapacidade para discriminar os sons da fala pela via auditiva. Contudo, se forem expostas a informação linguística que se processe pela via visuo-manual e beneficiarem da imersão linguística numa comunidade em que a língua materna é uma língua gestual, poderão adquirir e desenvolver de forma natural essa língua (Amaral, Capa, Rego, Felgueiras, Monteiro, Reis, Nunes, Sanches, e Sim-Sim, 1999a).

As Línguas Gestuais

Quando se fala numa língua gestual, importa sublinhar que se trata de uma língua estruturada e não de linguagem gestual, como gestos naturais ou mímica. As línguas gestuais são a expressão linguística natural das comunidades surdas dos países que as utilizam e apresentam as mesmas propriedades universais que as outras línguas: sintaxe (estrutura gramatical); semântica (significado), morfologia (formação de palavras); fonologia (unidades da língua) e pragmática (uso contextual). Tal como as línguas faladas, não são universais e cada país tem a sua. A língua da comunidade surda portuguesa é a Língua Gestual Portuguesa – LGP; no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS ou nos Estados Unidos, a Língua de Sinais Americana – ASL.

As línguas gestuais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais-auditivas. São línguas espaço-visuais, ou seja, a expressão dessas línguas não é estabelecida através do canal oral-auditivo, mas percebidas pela visão e produzidas pela utilização do corpo no espaço – rosto, braços, mãos. São compostas por símbolos arbitrários (gestos) e a diferença na modalidade determina o uso de mecanismos sintáticos específicos, diferentes dos utilizados nas línguas orais. São sistemas linguísticos independentes dos sistemas das línguas orais e, tal como todas as outras línguas, estão em constante renovação e evolução (Martins, 1994).

A Aquisição de uma Língua Gestual

Diversos estudos evidenciam que a aquisição das línguas gestuais pode ser comparada em muitos sentidos à aquisição das línguas orais. Habitualmente, as pesquisas envolvem a análise de produções de crianças surdas, filhas de pais surdos, porque são estas crianças que estão expostas ao *input* linguístico sistemático da língua gestual, indispensável para a sua aquisição.

A falta de audição potencia o aumento da capacidade visual dos indivíduos surdos (conforme pesquisas realizadas há uma competição entre os estímulos acústicos e visuais), pelo que, estes apresentam uma maior capacidade para a aquisição de uma língua gestual. O processo de aquisição das línguas gestuais, atendendo a que acontece através dos mesmos processos cerebrais², é semelhante ao processo de aquisição das línguas orais e tem o mesmo período ideal para a sua aquisição (entre o primeiro e o sétimo ano de vida), após o qual, a mesma é deficiente e, dependendo do caso, impossível.

A criança surda com acesso à LGP, desenvolverá a sua língua materna no período normal para a aquisição da linguagem, sem qualquer deficiência, se for exposta àquela língua desde os primeiros anos de vida e se estiver em interacção linguística com adultos e crianças cuja língua seja a mesma. Assim, a aquisição de uma língua gestual, por crianças surdas, ocorre no mesmo e em fases, tal como a aquisição da língua oral nas crianças ouvintes (Amaral et al., 1999a e Martins, 1994).

Segundo Karnopp e Quadros (2001), as fases para a aquisição de uma língua gestual são as seguintes:

O Período Pré-linguístico – Dos 0 aos 12 Meses

O balbucio, assim como as produções manuais, são fenómenos que ocorrem em todos os bebés. As crianças surdas balbuciam (oralmente) até um determinado período, sendo depois as vocalizações interrompidas, por não beneficiarem *input* auditivo (da mesma forma que as produções manuais são interrompidas nos bebés ouvintes).³

2 * Alunos do 3º ano do Curso de Licenciatura em Psicologia da UAL.

3 “ (...) Um estudo neurolinguístico (Poizner, Klima e Bellugi, 1987) mostrou que lesões cerebrais nas áreas da linguagem em sujeitos surdos, utilizadores da língua gestual, apresentam «afasias» de tipologia idêntica às da língua verbal” (Martins, 1994. p.42).

Os bebês surdos desenvolvem um balbucio manual, corporal e facial, que se vai tornando mais complexo, fruto do estímulo e da interação visual com o outro (mãe, pai, etc.) e da atenção que o bebê coloca nas expressões faciais e nos gestos. Nesta fase, a produção dos gestos quanto à forma, pode ser semelhante aos usados na língua gestual, mas ainda não possuem significado.

O Gesto Isolado – Aos 12 Meses

A fase do gesto isolado equivale à da *palavra-chave* de uma criança ouvinte. Inicia-se antes dos 12 meses e dura até cerca dos 2 anos. Trata-se então, do uso de um gesto da língua gestual com significado.

As crianças surdas com menos de um ano, assim como as crianças ouvintes, apontam frequentemente para indicar objectos e pessoas. Contudo, quando a criança surda entra na fase do uso do gesto codificado da sua língua gestual, o gesto natural de apontar desaparece. Nesse período a criança muda o conceito de apontação, que inicialmente era apenas pré-linguístico, para passar a usá-lo como elemento linguístico do sistema gramatical da sua língua gestual.

Primeiras Combinações de Gestos - A Partir dos 2 Anos

Tal como na fase de combinação de duas ou mais palavras na aquisição oral, as primeiras combinações de gestos surgem por volta dos dois anos. Esta fase inicia-se com o enunciado de dois gestos combinados. As crianças começam a usar o sistema pronominal, mas de forma inconsistente. Nesse período ocorrem erros de reversão pronominal, assim como ocorrem com crianças ouvintes. As crianças podem, por exemplo, usar o gesto de apontar direccionado ao receptor para se referirem a si mesmas.⁴

Após a fase dos dois gestos, vão surgindo enunciados com mais gestos e gradualmente a criança vai-se aproximando da língua gestual dos adultos, decorrendo o período de maior desenvolvimento linguístico até aos cinco anos.

4 As semelhanças encontradas na sistematização destas duas formas de balbuciar, oral e motora, confirmam a capacidade linguística que sustenta a aquisição da linguagem no ser humano, independentemente da modalidade da língua: oral-auditiva ou espaço-visual (Karnopp e Quadros, 2001).

A Língua Gestual Estruturada em Múltiplas Combinações de Gestos – Aos 7 Anos

As aquisições nesta fase estão já relacionadas com os aspectos mais complexos da sintaxe e da semântica. As descobertas na aquisição de uma língua gestual levam a concluir que, o conhecimento do uso linguístico do espaço que uma criança surda deve necessariamente ter, inclui a informação quanto às diferenças generalizadas do local de sinalização; o estabelecimento explícito dos nominais em pontos espaciais diferentes; a identificação do local espacial de forma consciente e a utilização do local espacial em frases e no discurso de maneira contrastante. As crianças parecem adquirir esse conhecimento por volta dos sete anos, quando atingem a maturidade do sistema referencial da sintaxe.

A Educação de Crianças Surdas

Com o reconhecimento na Constituição Portuguesa da LGP como língua nacional e natural das pessoas surdas, foi criada legislação⁵ para o ensino bilingue que se traduziu na criação, pelo Ministério da Educação, do ensino concentrado de crianças, jovens e adultos surdos cuja língua materna é a LGP, em escolas da rede pública e na criação das Unidades de Apoio à Educação de Crianças e Jovens Surdos. O objectivo destas medidas foi o de criar condições de acesso à educação às e jovens crianças surdos, através da sua língua natural e do desenvolvimento da mesma, numa comunidade linguística de referência.

A educação das crianças surdas não difere da educação das crianças ouvintes e os percursos educativos são os mesmos. As diferenças situam-se no domínio do acesso à informação, no período de escolarização e na forma de comunicação e expressão.

A escola tem procurado desenvolver na criança surda capacidades do uso da linguagem oral e da leitura, bem como das restantes aquisições

5 As semelhanças na aquisição do sistema pronominal entre crianças ouvintes e surdas, sugerem um processo universal de aquisição de pronomes, apesar da diferença radical na modalidade (Karnopp e Quadros, 2001).

escolares. Com resultados bem distintos nos alunos com surdez moderada e ligeira i) e nos alunos com surdez severa a profunda ii).

Os primeiros i), com possibilidade de desenvolverem a língua oral do seu país como língua materna, têm obtido resultados positivos. Contudo, é fundamental que, no seu percurso educativo tenham desenvolvido procedimentos compensadores do seu défice de audição, tais como: uso de próteses auditivas, reeducação precoce da compreensão e produção da fala, introdução precoce da escrita enquanto suporte visual da língua falada, suportes visuais e estratégias específicas para análise e reflexão sobre a língua oral e facilitação dos processos de interação comunicativa, como a proximidade entre os interlocutores, o posicionamento frente a frente para a leitura de fala (articulação, expressão facial e contexto). Para além do apoio visual à aprendizagem da língua oral, são também utilizados auxiliares que tentam compensar dificuldades, como o *Cued Speech*⁶.

O ensino oralista de alunos com surdez severa e profunda ii), sem acesso à linguagem falada pelo grave défice de audição, não tem tido resultados positivos no desenvolvimento linguístico, sendo raros os casos em que estes alunos acedem a níveis superiores de escolaridade. A ausência do domínio da língua oral estruturada impede estas crianças e jovens de aprender e compreender o registo oral e escrito de uma língua, pelo que ficam impedidos de aceder à mesma informação que é transmitida aos seus pares ouvintes.

Os alunos surdos profundos, cuja língua materna é a língua gestual do seu país (adquirida como foi referido, no período natural de aquisição da linguagem), podem ter acesso ao ensino e à educação em língua gestual, enquanto primeira língua, aprendendo a língua escrita do seu país como segunda língua - ensino bilingue. A apropriação da língua escrita do seu país permite-lhes um maior acesso à informação e é facilitador da comunicação com os ouvintes que não conhecem a língua gestual. Contudo, a aprendizagem da escrita é um processo muito difícil e moroso para algumas destas crianças e impossível para outras, mesmo quando se verifica precocemente a reeducação terapêutica e esta é prolongada ao longo do seu desenvolvimento (Amaral et al., 1999b; Martins, 1994).

6 Despacho N.º 7520 /98 de 6 de Maio de 1998.

O Caso Emmanuelle Laborit

Emmanuelle Laborit (1971) é uma atriz francesa, surda profunda, neta do cientista Henri Laborit, que testemunha no livro *O Grito da Gaivota* (2000, título original - *Le Crie de la Mouette*) o seu percurso de criança surda, num mundo de silêncios.

No relato das suas memórias de infância, Emmanuelle diz-nos (Laborit, 2000, p. 15):

Dei vários gritos, muitos gritos, autênticos gritos. Não por ter fome ou sede, medo ou dores, mas porque queria começar a «falar», porque queria ouvir a minha voz e os sons não chegavam até mim. (...) Sabia que estava aos gritos mas as palavras nada significavam para minha mãe ou para o meu pai. Segundo eles eram gritos de ave marinha, como os de uma gaivota planando sobre o oceano. Então apelidaram-me de gaivota.

No seu testemunho, conta-nos como as suas recordações da infância são incompletas e confusas e descreve as dificuldades vividas na comunicação com os outros, na compreensão do mundo e dos conceitos mais abstractos, como espaço e tempo, pela impossibilidade de traduzir em palavras o que não era imediatamente observado no seu campo de visão. Fala-nos do o seu percurso escolar, das dificuldades da educação assente na oralidade e mostra-nos também, como a escrita só passa a ser um instrumento de comunicação e domina e um veículo da comunicação com os ouvintes, quando as palavras deixam de ser movimentos bizarros e passam a ser a tradução do pensamento, elaborado numa língua gestual estruturada (Laborit, 2000, p. 20):

Entre os zero e os sete anos, a minha vida está cheia de lacunas. Só tenho recordações visuais. Como *flash-backs*, imagens de que ignoro a cronologia. Creio que não havia rigorosamente nada no meu cérebro durante esse período. Futuro, passado, tudo estava na mesma linha de espaço-tempo. A mamã dizia ontem ... e eu não sabia onde era ontem, o que era ontem. E amanhã também não. E não podia perguntar-lhe. Estava impotente, não tinha a menor consciência da passagem do tempo. Havia a luz do dia, a escuridão da noite e era tudo. (...) Ignoro sinceramente como consegui desembaraçar-me durante aquele período

em que vivi mergulhada entre a ausência da linguagem, a solidão e o muro do silêncio. A mãe diz: «Estavas sentada na cama, vias-me desaparecer e regressar com surpresa. Não sabias onde eu ia, à cozinha, por exemplo; eu era a imagem da mãe que desaparecia, e, em seguida a mãe que voltava, sem ligação entre ambas.

Tendo nascido com surdez neurosensorial profunda, Emmanuelle foi aparelhada com uma prótese auditiva aos 9 meses e desde cedo teve intervenção terapêutica da fala. Todo o ensino de que beneficiou foi assente no desenvolvimento de competências de oralidade, sempre com fracos resultados (o ensino em língua gestual aos alunos surdos, esteve proibido em França até ao ano de 1991). Aos sete anos articula algumas palavras com muita dificuldade, não sabe ler e está muito atrasada nas aquisições escolares. Por esta altura, o pai tem conhecimento de que existe uma comunidade surda em França, que se expressa numa língua gestual (Laborit, 2000, p.50):

O meu pai ouviu qualquer coisa na rádio – objecto misterioso que fala para os que ouvem (...). Disse o meu pai: (...) trata-se uma língua completa, por inteiro, que se fala no espaço, com as mãos, a expressão do rosto, do corpo! O meu pai ficou em estado de choque. Um surdo capaz de fazer estudos universitários...

É então que Emmanuelle entra em contacto com o mundo dos surdos e com a sua língua natural (Laborit, 2000, p. 52):

Vejo Alfred e Bill a fazerem gestos entre si... Mas aqueles gestos não me dizem nada, são espantosos, rápidos, complicados. O código simplista que inventei com a minha mãe é à base de mímica e de palavras oralizadas. É a primeira vez que vejo aquilo (...) é belo e fascinante.

Embora já numa idade tardia para a aprendizagem desta língua, Emmanuelle aprende-a com facilidade (Laborit, 2000, pp. 26-55):

Para as crianças que aprendem muito cedo a língua gestual ou que têm pais surdos, é diferente. Esses fazem progressos notáveis. Quanto a mim, estava nitidamente atrasada (...). Anteriormente eu devia ser considerada uma «débil mental», uma selvagem. (...) Uma frase completa. «A mãe está em casa». Aos sete anos exprimo finalmente, com as minhas mãos, a identificação da minha mãe e do local onde se encontra ... até então eu falava de mim como de uma outra pessoa, uma pessoa que não era «eu».

O domínio da língua gestual e o seu desenvolvimento linguístico foram determinantes para os progressos que a partir daí, Emmanuelle realizou nos vários aspectos do seu crescimento, na aprendizagem da leitura e da escrita e nas restantes aquisições escolares. Contudo, como o ensino em França era oralista (mesmo nas escolas para alunos surdos que frequentou), o seu desenvolvimento escolar é feito com base na entajuda dos colegas surdos, em língua gestual, à revelia dos professores. O seu percurso foi feito de insucessos (especialmente nas provas orais) e repetições. No exame final da prova oral de Filosofia, só obteve sucesso quando conseguiu a presença de um intérprete de língua gestual, tendo assim, obtido a classificação de 16 valores.

Após a conclusão do liceu aos 20 anos, inicia a sua incursão no teatro, representa uma surda profunda – Sara, na peça *Filhos do Silêncio*, com a qual vem a ser reconhecida com o prémio *Molière* e confirmada como atriz.

Conclusão

A linguagem afigura-se como uma competência que nos permite compreender o mundo e comunicar, sendo um dos elementos estruturantes na definição da identidade pessoal e no desenvolvimento psicossocial dos indivíduos. As crianças com défice auditivo estão privadas da aquisição da linguagem oral, mas dispõem da possibilidade de a adquirir num registo gestual. O testemunho singular de Emmanuelle Laborit remete-nos para a questão da diferença e da semelhança entre os indivíduos e oferece-nos a possibilidade de entrar no mundo e na experiência de uma criança surda, privada do domínio da linguagem. O seu percurso, narrado de forma subjectiva e quase poética, coloca-nos perante a importância da linguagem como meio de representação do mundo, de expressão de si e do aprofundamento da relação com o outro. O seu caso desperta-nos também para o facto de que uma educação escolar, adaptada às necessidades das pessoas surdas, é determinante para o seu desenvolvimento integral e adaptação social.

Nesse sentido, revela-se como fundamental que as crianças surdas sejam expostas à aprendizagem de uma língua gestual em contexto “natural”, assim como beneficiem de uma educação escolar assente na sua língua gestual. Em

Portugal, foram criados dispositivos, na rede escolar pública, para a educação formal das pessoas surdas, contudo, o seu sucesso escolar é ainda reduzido e poucos são os que realizam estudos de nível superior.

Referências Bibliográficas

- Amaral, I., Capa, A., Rego, D., Felgueiras, I., Monteiro, M., Reis, M.J., Nunes, R., Sanches, N. e Sim-Sim, I. (Eds.) (1999a). *Estratégias de intervenção em contexto escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Amaral, I., Capa, A., Rego, D., Felgueiras, I., Monteiro, M., Reis, M.J., Nunes, R., Sanches, N. e Sim-Sim, I. (Eds.) (1999b). *Estratégias de intervenção em contexto escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.
- Laborit, E. (2000). *O grito da gaivota*. Lisboa: caminho.
- Martins, M.R.D. (1994). *Para uma gramática da língua gestual portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Karnopp, L.B. e Quadros, R.M. (2001). Educação infantil para surdos. In Roman, E. e Steyer, V. (Coords). *A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado*. [Electronic version]. Canoas, pp 214-230.
- Alfabeto manual ou conjunto de posições das mãos, que representa as letras e os números em gestos e que acompanham a fala. Distingue fonemas difíceis de discriminar auditivamente e pode ser utilizado como facilitador da memória para a aprendizagem da escrita ou da sequência dos sons das palavras (Martins, 1994).

Bibliografia

- Quadros, R.M. (1999). Diversidade e unidade nas línguas de sinais: Libras e ASL. In Skiliar, C. (Org.). *Actualidade da educação bilingue para surdos*. (pp. 195-207). [Electronic version], Porto Alegre.
- Sacks, O. (1990). *Vendo vozes*. Rio de Janeiro: Imago.
- Skiliar, C. (Org.). (1998). *A surdez, um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação.
- Vigotsky, L.S. (1987). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Whitney, P. (1998). *The psychology of language*. Boston: Houghton Mifflin.